

LUTA E DISCURSO: NA PARADA LIVRE, A COMUNIDADE LGBT+ CLAMA

STRUGGLE AND DISCOURSE: IN THE FREE PARADE, THE LGBT+ COMMUNITY CLAIMS

Ezequiel Nunes Pires¹

Na Parada, a exposição de corpos e a alegria contagiante têm um potencial político fundamental para nossa luta, e é nisto que as entidades que a organizam acreditam, pois sabemos que o preconceito que sofremos está diretamente ligado à nossa sexualidade e é ela que devemos usar para a transformação social. (GOLIN, Célio. 2016).

Resumo: *Entre ditos e não-ditos, o movimento LGBT+ se apresenta e apresenta-nos como a luta por direitos e transformação social é importante. Este artigo, norteado pelos fundamentos da Análise do Discurso pecheutiana, busca elencar os diferentes discursos que cingem as minorias sexuais. Neste viés, estão presentes discussões sobre discurso de ódio e discurso revolucionário; é apresentada a heterogeneidade discursiva como constituinte de uma luta por efeitos de sentido e posições sujeito. Para tanto, o corpus de análise se constitui com os discursos da Parada Livre de Porto Alegre nos anos de 2017, 2018 e 2019 em seus slogans de divulgação do evento, fazendo refletir, desse modo, sobre a voz que a comunidade tem e/ou (não) é dada. Assim, ouvir esses discursos é possibilitar a discussão sobre preconceitos, direitos, violência e violações; o que se apresenta como uma ação cotidiana necessária, como também é ressoar os chamamentos de clamar por direitos.*

Palavras-chave: *Discurso de ódio; Discurso revolucionário; Heterogeneidade discursiva; Discurso LGBT+.*

Abstract: *Among the said and unspoken, the LGBT + movement presents and presents how the fight for rights and social transformation is so important. The following work, guided by the fundamentals of Pêcheux's Discourse Analysis, seeks to list the different discourses that gird as sexual minorities. In this case, make present the concepts of hate and revolutionary speech; a discursive heterogeneity is presented as a constituent of a struggle for effects of meaning and subject positions. Aiming this, the corpus of*

¹ Licenciado em Letras Português/Inglês no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), Discente do Programa de Pós-graduação em Letras, na linha de Análises textuais, discursivas e enunciativas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Bolsista CAPES.

analysis is described with the speeches of the Free Parade of Porto Alegre in the years of 2017, 2018 and 2019 in its slogans for publicizing the event, thus reflecting on the voice that the community has and/or (not) is given. Thus, listening to these speeches is a discussion of prejudices, rights, violence and violations; what performs as a necessary everyday action, not only to listen, but also is to resonate the right callings.

Keywords: *Hate speech; Revolutionary speech; Discursive heterogeneity; LGBT+ speech.*

A que(m) se propõe

Contemporaneamente pode-se observar o quanto as minorias sociais vêm se fortalecendo e ampliando os seus campos de luta. Seja essa a minoria sexual, racial ou religiosa, elas têm conquistado empoderamentos que penetram as suas vozes e são capazes de alcançar alguns direitos tão almejados e que há muito são negados. Essas vozes são palavras e atos, do modo que nos diz Hannah Arendt (2007), que é como nos inserimos no mundo humano. É nessa inserção que os discursos tomam forma, são discursos de luta porque buscam (re)conquistar reconhecimento e sentidos.

Em 2019, a Parada Livre de Porto Alegre/RS completou seus 22 anos de luta. Na data em que completou 20 anos de existência, Golin (2016) escreveu sobre a história da Parada e apontou o quanto o número de participações no evento cresceu, como este se consolidou no imaginário social e no calendário da cidade. Assim, a parada é um marco, “pois a partir dela uma nova conjuntura se construiu, pois a visibilidade e legitimidade que obteve junto à sociedade romperam portas e possibilitou (sic) que outras [paradas] surgissem pelo interior com autonomia que mantém a Parada Livre com a credibilidade política que tem.” (GOLIN, 2016). Desse modo, tendo surgido em 1997 com o coletivo Nuances - Grupo Pela Livre Expressão Sexual, a Parada colocou diversos sujeitos nas ruas lutando pelo fim das várias formas de discriminação, por respeito, liberdade e direitos. Hoje, é organizada por mais entidades e se apresenta como uma das paradas mais antigas do país e um dos maiores eventos da capital gaúcha.

A luta pelo direito a existir e resistir reúne a comunidade LGBT+², e buscar o fim da discriminação sexual significa a liberdade de ser quem se é em diversos âmbitos da sociedade, como educação, trabalho, matrimônio e parentalidade. Neste trabalho, busca-se compreender os discursos LGBT+, nos dizeres dos slogans da Parada Livre, como um lugar de luta. Mobilizar este conceito é tentar nortear respostas, apontar que a luta ideológica ocorre no campo da linguagem. Corpo, atos e palavras se unem na luta por uma resposta às demandas que a minoria sexual levanta e que são negadas em outras formações ideológicas.

Pêcheux (1977) aponta que “no terreno da linguagem, a luta de classes ideológica é uma luta pelo sentido das palavras, expressões e enunciados [...]”. Sendo assim, considerando as condições de produção e os efeitos de sentido, se busca analisar as materialidades discursivas do *corpus* e, também em um estudo histórico, evidenciar os ditos e não-ditos da luta LGBT+, os posicionamentos ideológicos e os discursos. Ainda, compreender a heterogeneidade

² Trevisan (2018, p. 509) apresenta um * (asterisco) ao lado da sigla LGBT “sinalizando tanto os vários Ts quanto a categoria *queer*, que abrangeria identidades de gênero e orientações sexuais avessas a qualquer rotulação e classificação.”. Assim, proponho a apresentação da sigla com o sinal de positivo/mais representando a multiplicidade presente na diversidade de gêneros e sexualidades existentes que se somam à referência do autor.

discursiva enquanto constituinte dos enunciados que colocam relações político-ideológicas em antítese e embate, uma luta discursiva.

Do conflito à rua

Trevisan (2018) revisita as manifestações ocorridas no país no ano de 2013 sobre o aumento do valor das passagens para apontar que naquele momento começava “um movimento que, em efeito de bola de neve, introduziu maciçamente a comunidade LGBT na luta pelos seus direitos. Esse movimento, ironicamente deflagrado por um religioso homofóbico [...]” (p. 498). Ainda, é importante lembrar que nas manifestações daquele ano, os diversos movimentos sociais adentraram na luta por diferentes pautas. No caso dos LGBT+s, a caminhada era contra o projeto de lei que permitia a “cura gay”, idealizado pelo deputado e pastor Marco Feliciano. A comunidade levantou diversos dizeres, dentre eles, “não vem com cura que não tou doente”³ e “meu cu é laico”⁴, demonstrando o descontentamento para as incabíveis pautas tramitadas no Congresso Nacional, principalmente essa, de cunho religioso e lgbtfóbico.

Não só esse ocorrido mais recente é essencial para a mobilização do movimento LGBT+ (mais especificamente no Brasil), como também é a Revolução de *Stonewall*, que teve papel fundamental no empoderamento do ativismo da comunidade. *Stonewall* era um dos poucos bares para o público *queer* na década de 60 nos Estados Unidos (onde em muitos estados as relações homoafetivas eram consideradas crime). Um ataque da polícia ao bar no mês de junho reverberou em um grande combate. Ali, a comunidade se uniu para que a perseguição e discriminação contra LGBT+s acabassem. Rossini (2019) conta-nos o que foi essa revolução:

A Revolta de Stonewall se tornou um símbolo da libertação gay e das demonstrações de orgulho da comunidade homossexual. Pouco tempo depois da “barricada de defesa” ficar famosa ao redor do país, foi fundada a Frente de Libertação Gay dos Estados Unidos. Seis meses depois, surgiu a Aliança de Ativistas Gays. Exatamente um ano após o incidente de Stonewall, milhares de pessoas voltaram ao bar e fizeram a primeira marcha do Dia da Libertação. Anos depois ela evoluiu para o mês do Orgulho Gay como conhecemos hoje. (ROSSINI, 2019).

É desse modo que no Brasil o mês de junho é fervoroso com diversas paradas de luta LGBT+ nos diversos estados, assim como ocorre em outros lugares no mundo. Porto Alegre, nesse caso, conta com a *Parada Livre* em novembro, primeiro movimento surgido na capital, e com a *Parada de Luta* em junho, ação criada para estar de acordo com o calendário mundial.

Mais do que tudo, a Parada Livre é um movimento político. Apresenta discursos de resistência⁵ de sujeitos que lutam contra discursos de ódio. Dar prosseguimento a este trabalho com suas análises requer, então, que primeiro reflitamos sobre esses dois conceitos e, em seguida, pensemos o que é esta luta discursiva.

3 https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/23/politica/1506125381_227089.html

4 <https://blogs.gazetaonline.com.br/erreinamosca/126/uma-cartolina-na-mao-e-uma-heineken/meu-cu-e-laico/>

⁵Nesse primeiro momento utilizo o termo *resistência* por apontar para um efeito de sentido de rejeição (ao discurso de ódio). Mais a frente, penso esse termo com o conceito de discurso revolucionário (FIORIN, 1988).

Cazarin e Souza (2019), ao analisarem enunciados que circulam nas redes sociais acerca da eleição presidencial de 2014, apontam para sequências discursivas em que o ódio contra nordestinos se explicita, “tudo isso pelo simples fato de assumir um posicionamento político-ideológico diferente dos sujeitos enunciadorees desse discurso [de ódio].” (CAZARIN; SOUZA, 2019, p. 141). Sendo assim, as autoras entendem os discursos de ódio como práticas que “promovem a desvalorização/o desrespeito à dignidade humana. Atingem, no nosso ponto de vista, direitos fundamentais do cidadão [...]” (CAZARIN; SOUZA, 2019, p. 138). Além disso, as autoras compreendem “na perspectiva da análise do discurso, que o ódio se materializa no/pelo discurso, manifesta-se como uma violência simbólica” (2019, p. 139). Ainda, sobre o discurso de ódio, as autoras afirmam: “Configura-se, assim, como um transbordar da liberdade de expressão: é exceder seus limites, é entrar na zona de ofensa, da intolerância com o outro, incitando a violência e instigando a discriminação e o ódio.” (2019, p. 138).

Pensando, nesse sentido, quando tem-se o discurso de defesa/resistência, um discurso de luta (ou que vai à luta); da luta por direitos, por reconhecimento, liberdade etc; o discurso que surge nos movimentos sociais de minoria, esse é um discurso motivado pelo de ódio e contra esse. São nos ditos do discurso de luta que podem ser observados os não-ditos do discurso de ódio, ou seja, o que é dito advindo do ódio, mas que não está materializado no discurso de luta, inaugurado, desse modo, por uma heterogeneidade discursiva (veremos nas análises).

Assim, simbolicamente na linguagem, instauram-se os atos de luta; levando em conta que a lgbtobia não ocorre somente no/pelo discurso em enunciados que atacam e ferem a dignidade, mas também em diversas ações. Juntamente, podemos pensar na sexualidade como um fato político-ideológico, assumir-se é um ato político no sentido em que existe a deslegitimação da sexualidade alheia, uma discriminação motivada ideologicamente.

Noutra via, quando Butler (1997) fala sobre vulnerabilidade linguística (Linguistic vulnerability), aponta-nos sobre os efeitos da língua(gem) no sujeito. É na atribuição de agência (ação) à linguagem que se reclama a capacidade desta de ferir, visto que o sujeito é constituído pela linguagem, por exemplo, quando é chamado por um nome; levando em conta que o sujeito é interpelado pela língua e pela ideologia (ALTHUSSER, 1996). Nesse sentido, é questionado por Butler (1997) se do poder de interpelar da linguagem surge o poder de ferir (injuriar) com ela e, se sim, como a agência linguística possibilita a vulnerabilidade.

The problem of injurious speech raises the question of which words wound, which representations offend, suggesting that we focus on those parts of language that are uttered, utterable, and explicit. And yet, linguistic injury appears to be the effect not only of the words by which one is addressed but the mode of address itself, a mode - a disposition or conventional bearing - that interpellates and constitutes a subject. (BUTLER, 1997, p. 2).

Desse modo, para a autora, irá se constituir o discurso de ódio. “Language sustains the body not by bringing it into being or feeding it in a literal way; rather, it is by being interpellated within the terms of language that a certain social existence of the body first becomes possible.” (BUTLER, 1997, p. 5). Butler, nesse sentido, imagina um corpo que ainda não tenha uma definição social, um corpo que não é acessível para nós (estritamente falando, pois não se sabe o que falar, como referenciar este corpo), mas que se torna acessível no momento da nomeação, um nome/chamado, uma interpelação que não “descobre” esse corpo, mas que o constitui com fundamento. Fazendo-se essa fundação (interpelação em sujeito) também possível por algum chamamento injurioso com palavras que podem ferir.

Se a língua(gem) pode sustentar o corpo, também pode ameaçar a sua existência (BUTLER, 1997). Sendo dada essa constituição fundamentada na nomeação, na possibilidade de referenciar com linguagem. Então, o discurso de ódio, que fere a dignidade humana, não só age simbolicamente nos sujeitos, como também possibilita uma interpelação destrutiva. Ainda, é no discurso de ódio que encontramos as negações de direitos.

É nessa perspectiva que também podemos pensar na luta discursiva pelos sentidos das palavras; no caso do termo *queer*, já utilizado como ofensa contra corpos, gênero e sexualidade fora das normas padrões desses aspectos, passa a ser um conceito amplamente estudado academicamente, dando a esta palavra um novo sentido, pois há um novo reconhecimento para o termo. Este reconhecimento é dado principalmente na repetição, como aponta Butler (1997, 2020). Para que o conceito seja auto-determinante, é necessário ainda que a minoria social atingida/injuriada tome-o para si, ressignificando-o da maneira que deseja por meio da repetição.

Em *Tomando posse dos nossos corpos*, Trevisan (2018) nos apresenta uma historiografia dos direitos de pessoas transgêneros e transexuais alcançados no Brasil. O autor aponta para aspectos teórico-acadêmicos, como também a conceitualização do termo *queer*, e de jurisprudência, que refletem numa colheita de direitos, digo colheita pois muito foi feito, muito chão revirado, muito trabalho diário, plantação de coragem e muita paciência na espera... esperança de tomar posse do próprio corpo. Nesse sentido, diversos nomes e biografias são citados no intuito de apontar para a cena de conquistas LGBTQ+ que se tem, como o direito à redesignação de sexo, reconhecimento dos demais gêneros não normativos e definidos biologicamente pelo sexo, o nome social entre outros.

O empoderamento do sujeito LGBTQ+ põe em cena a luta de toda a comunidade, e é no empoderamento de um que o efeito começa a ocorrer nos demais. Assim, militar nos diversos meios possíveis, principalmente no acadêmico, inspira, motiva o reconhecimento, abre possibilidade para todos e todas da tomada de posse do próprio corpo.

No discurso médico, por exemplo, a transexualidade é tratada como disforia de gênero. Esses corpos (sujeitos) estão em busca de alguma beleza (não aquele padrão considerado bonito socialmente aceito, mas aquele do desejo de ser) e são constantemente discriminados. O que não ocorre com sujeitos cisgêneros que buscam os mesmos tipos de cirurgia para o alcance de uma beleza desejada. Ou seja, o transgênero, discursivamente falando, não goza plenamente do direito de realizar mudanças em seu corpo, diferentemente do cisgênero, que pode realizar quantos procedimentos desejar sem ser taxado com alguma patologia. (CASSANA, 2016, p. 25).

Por fim, refletindo com as palavras que ferem, o discurso de ódio e o discurso de resistência - que vai à luta de significar diferente e de negar o discurso injurioso, trazemos para análise um corpus discursivo que possibilita ponderar sobre esses conceitos e trazer à tona o que é a luta discursiva.

Assim, foram escolhidos 3 slogans, ou enunciados dos cartazes de divulgação do evento, das últimas 3 Paradas Livre de Porto Alegre para análise. Assim se constitui o corpus discursivo de análise e que, em cada enunciado é possível eleger outros discursos que estão em rede com esses, uma família parafrástica, pois nos dizeres algo se mantém.

No ano de 2017, a Parada Livre se caracteriza pelos discursos anti-retrocessos na luta por direitos LGBTQ+. O ano é o seguinte após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff

(PT), em que tomou posse o presidente Michel Temer (PSDB). Assim, caracteriza-se o período com diversas ações anti avanço do movimento LGBTQ+ no país.⁶

Imagem 1 - Cartaz da Parada Livre de 2017.



Fonte: Facebook.

Berro por visibilidade. Nas artes de divulgação do evento podia-se encontrar a mesma figura, porém os dizeres mudavam, criando não só uma família parafrástica, como também buscando ampliar o campo de luta da comunidade. Nos discursos, o *berro* se manteve, já a motivação pela qual “gritar/clamar” se alternava:

Berro contra os retrocessos.
Berro por direitos.

Berro por liberdade.

O berro é o grito, um grito de luta. Ainda, no meio LGBTQ+, berro é a gíria para alguma coisa que chama a atenção ou algo muito incrível ou pode preceder um riso em situações adversas que geram surpresa. Nos diversos enunciados desse ano, o berro encarna o sentido de luta, como denúncia (colocar a boca no trombone), dar um berro é dizer, inserir-se, representar. Nesse sentido, as preposições “contra” e “por” reiteram o uso do berro, os propósitos deste, sendo, no caso, o de negar retrocessos e reivindicar direito, liberdade e visibilidade.

No ano seguinte, 2018, a Parada se constitui enquanto movimento político contra a candidatura/eleição do atual presidente Jair Bolsonaro (sem partido). Ainda, era o segundo ano de mandato de Michel Temer e ano das eleições presidenciais do país. Esse movimento se dá enquanto o candidato apresentava diversos discursos⁷ de cunho preconceituoso, o que preocupou diversas minorias sociais, não só a comunidade LGBTQ+.

⁶ Noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/25/brasil-tem-recorde-de-lgbts-mortos-em-2017-ainda-doi-diz-parente.htm;

www.brasildefato.com.br/2018/01/19/numero-de-assassinatos-de-pessoas-lgbt-em-2017-foi-o-mais-alto-da-historia-do-pais.

⁷www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml;

observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/10/bolsonaro-ignora-direitos-lgbt-em-seu-plano-de-governo;

www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/com-medo-de-bolsonaro-lgbts-se-engajam-para-virar-votos-nas-redes.shtml;

Imagem 2 - Cartaz da Parada Livre de 2018.

Fonte: Facebook.

Deste ano, elencam-se mais dois dizeres da Parada Livre e que dão continuidade à construção do *corpus* de análise:

Resistir para não morrer.

#EleNão.

Muito presente em nossa cultura, a cor preta simboliza o luto, a morte. Uma não-cor, como apresenta Coelho, associada também “ao perigo, à maldade, à insegurança e ao aniquilamento. [...] no Ocidente, tendo iniciado popularmente seu uso fúnebre no século XVI em Portugal.” (COELHO, 2008, p. 16). No cartaz acima é possível relacionar os enunciados com a cor. A cor, aqui, traz esse sentimento de morte, de derrota, o que é contradito nos enunciados. Enquanto a cor se apresenta como discurso de uma FD antagônica à FD da comunidade LGBT+, os dizeres apontam para essa FD da comunidade que apresentam discursos de chamada, um chamamento para resistir; ao tempo em que o uso de *hashtag*, termo simbolizado pelo símbolo da cerquilha (#) e que tem como objetivo, nas redes sociais, criar um hiperlink que direciona para uma mesma página contendo todas as publicações que usarem o termo em comum, possibilita a união de objetivos em comum. Dito de outra forma, a *#EleNão* possibilita reunir diversos discursos que têm em comum a *hashtag* eleita.

Em 2019 e ainda atual conjuntura política do país, tem-se o cenário de Bolsonaro presidente. Um fortalecimento da bancada religiosa dentro do congresso, inúmeros ataques à educação e minorias sexuais. Nesse sentido, a Parada Livre levanta os dizeres de resistência em que ter vergonha de ser quem se é não é opção. Os discursos elencam as diversas sexualidades como fato e, com isso, nos comunica a confiança e audácia de lutar.

Imagem 3 - Cartaz da Parada Livre de 2019.



Fonte: Facebook.

Em seguida, são esses os enunciados que fecham a construção do corpus discursivo para análise:

Sem vergonha de ser quem somos.

Sem vergonha de ser gay.

Sem vergonha de ser bi.

Sem vergonha de ser sapatão.

Percebe-se que a construção *sem vergonha de ser* possibilita a criação parafrástica dos enunciados. A chamada deste ano é a de que a comunidade LGBT+ não deve ter vergonha e se esconder, esses discursos, nessa lógica, possibilitam um entendimento de que por mais que seja difícil ser quem se é, não devemos nos envergonhar. Sem vergonha de ser quem somos e sem medo de ser feliz⁸.

No caminho das dissidências

O discurso, para Pêcheux (1969), é efeito de sentidos entre os locutores; isso significa que não é somente um sentido apreendido num gesto de interpretação, seja do interlocutor ou do analista de discurso. “Se é um efeito produzido pela ideologia, este efeito muda conforme mudam os sujeitos nele inscritos e muda também conforme mudem os lugares ocupados por esses sujeitos” (CASEIRA, 2012, p. 25-26).

Quando se diz que os interlocutores da AD são sujeitos historicamente determinados, significa dizer que são interpelados pela ideologia. E é deste modo que as condições de produção do texto relacionam esse texto com os sujeitos históricos, identificados com uma formação discursiva e inscritos em lugares sociais.

Nesse sentido, nos cabe compreender como a ideologia funciona, como o sujeito é atravessado por ela. Assim, move-se os conceitos de formação ideológica (FI) e formação discursiva (FD), o que nos possibilitará pensar inter e intradiscursos, como também as posições-sujeito inscritas.

Para Althusser (1996, p. 131), em uma de suas teses centrais, “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”. O filósofo afirma que a ideologia existe para e pelos sujeitos, a ideologia guia diversas das nossas práticas, e entre essas está o discurso. É por isso que não existe discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. É nesse ponto em que a ideologia se faz

⁸ <https://jornalggn.com.br/historia/o-jingle-de-campanha-que-virou-um-canto-de-esperanca/>.

presente, que ela aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito, inaugura-se a discursividade, a partir do momento em que o discursivo é considerado materialidade das ideologias.

Em vista disso, “é sob a modalidade do que se conhece - na perspectiva das teses althusserianas sobre a instância ideológica - como o assujeitamento (ou interpelação) do sujeito como sujeito ideológico que a instância ideológica contribui para a reprodução das relações sociais” (COURTINE, 2009, p. 71). O que corresponde a levar em conta que a formação ideológica (FI), segundo Haroche, Pêcheux e Henry (1971) “constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras.” e que “comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura.” (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 1971).

Logo “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”: esta lei constitutiva da ideologia nunca se realiza “em geral”, mas sempre através de um conjunto complexo determinado de formações ideológicas que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção, e isto em razão de suas características “regionais” (o Direito, a Moral, o Conhecimento, Deus etc.) e, ao mesmo tempo, de suas características de classe. Por esta dupla razão, as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975], p. 164).

No âmbito da relação dialógica dos dois discursos antes discutidos (de resistência e de ódio), proponho-me repensar a nomenclatura que venho utilizando. Com base em Indursky (2013 [1997]) e Cazarin (2002) trazemos à tona a discussão de heterogeneidade discursiva, conceito importantíssimo para entendimento do *corpus* aqui estudado e norteador na dissertação da luta discursiva, visto que pela análise do *corpus*, podemos identificar duas formações discursivas antagônicas.

Cazarin (2002) propõe pensar a heterogeneidade discursiva da análise do discurso a partir da polifonia de Ducrot, desse modo:

Para além de demonstrar que quando falamos não somos donos absolutos de nossa fala, uma vez que o sujeito não é uno, pois o que ele diz, o que ele significa está associado com outras vozes, com outros sentidos, um dos méritos de Ducrot é o de construir uma formalização possível para evidenciar essa multiplicidade de vozes, pois embora a formalização não garanta “o sentido”, contribui para o entendimento de como o discurso funciona e que efeitos de sentido produz. (p. 20).

É pensando o interdiscurso que nos surge o entendimento da rede de discursos que se forma nos dizeres/enunciados. Sendo a materialidade linguística que se tem no enunciado entendido como intradiscurso, também se tem a noção de que este advém de algum lugar do interdiscurso, onde tudo já está dito.

Então, compreendendo que no enunciado polifônico diferentes vozes se fazem presentes, Cazarin (2002) os entenderá como “discursivamente heterogêneos, a partir da perspectiva teórica da AD.” (p. 23).

discurso polifônico no qual diferentes vozes se fazem ouvir, passa a ser tratado, na ótica da AD, como discurso heterogêneo no qual diferentes sujeitos e/ou posições de sujeito estabelecem uma interlocução capaz de demonstrar que discursos se constroem sobre discursos, num jogo polifônico de vozes que, mais do que conviverem e/ou somarem-se entre si, são marcadas pela historicidade e pela ideologia, uma vez que “lugares de dizer” não acontecem separadamente de “lugares sociais.” (CAZARIN, 2002, p. 36).

Primeiramente, observamos que os discursos da Parada Livre, pertencentes ao dito de uma formação discursiva (FD1) rejeitam um discurso antagônico, não-dito, mas dito nos domínios de outra FD adversa (FD2), já que “o discurso do outro faz parte do não dizível” (INDURSKY, 2013, p. 239). Mesmo que não apareça no discurso, a FD2 apresenta os discursos não ditos no enunciado do sujeito. Esses não-ditos, de todo modo, são rejeitados por essa FD1. No caso dos slogans, o que é reivindicado só é porque há um dito da FD antagônica que traz as negações. Assim, é através do discurso que se luta, que se resiste aos dizeres que se apresentam como inviabilizadores, injuriosos e de ódio. É uma busca pela desqualificação do discurso da FD2 que se estabilizam esses discursos de luta de FD1.

Quando Indursky (2013) fala sobre heterogeneidade discursiva, além de nos apresentar discussões sobre os tipos de discurso relatado, também disserta sobre o funcionamento discursivo da negação. “A negação é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos podendo indicar a existência de operações diversas no interior do discurso em análise.” (p. 261). Na metodologia de análise do funcionamento da negação, segundo a autora, é preciso preceder a operação de negação com a operação de identificação. Ou seja, é preciso fazer um movimento de identificação do discurso, uma síntese na qual $x = p$, em que será possível indicar a existência da antítese $y \neq p$.

Tendo a seguinte equação: $x = p \wedge y \neq p \rightarrow x \neq y$

Na equação pode-se depreender como um discurso x não é um discurso y , estando estabelecida entre eles uma relação dialógica, mas também antagônica. Desse modo que Indursky apresenta as operações de negação discursiva:

Quando o sujeito do discurso pode e deve dizer o que diz a partir do seu lugar social, ele o faz por uma predicação afirmativa, identificando seu dizer como o saber da FD que o afeta. Já quando sua predicação é negativa, esta pode caracterizar três operações de negação discursiva diversas: *a negação externa*, que incide sobre o que não pode ser dito no interior de FD1; *a negação interna*, que incide sobre o que pode, mas não convém ser dito neste domínio de saber; e *a negação mista*, que mobiliza as duas modalidades anteriores numa única operação de negação. (INDURSKY, 2013, p. 264).

Nesse tocante, podemos pensar os dizeres da Parada Livre nos anos de 2018 e 2019. Elencando-se as seguintes sequências discursivas:

SD1: Resistir para não morrer.

SD2: #EleNão.

SD3: Sem vergonha de ser quem somos/gay/bi/sapatão.

Assim, identifica-se dois marcadores de negação nas sequências discursivas acima: *não* e *sem*. A análise que se segue toma como conceitos principais de trabalho o discurso outro e de negação externa. Vejamos, na formação discursiva (FD1) a qual os discursos da Parada Livre se inserem está o discurso outro, da formação discursiva antagônica (FD2). Em SD1 tem-se o chamamento de resistência para não haver a morte, ao tempo que o não-dito/discurso outro presente ali é de que a morte é fato para aqueles que não resistirem.

Como aponta Indursky sobre a negação externa, em que “a negação de FD1 incide sobre o discurso que vem de uma FD adversa. Essa modalidade estabelece as fronteiras entre discursos ideologicamente antagônicos.” (2013, p. 266). Também pode ser pensado em relação à SD2, a qual a *hashtag* (anteriormente discutida), se contrapõe a um movimento político-ideológico que almeja Bolsonaro como presidente - o que simboliza retrocessos e ameaças aos direitos segundo a FD1. Enquanto em FD2 haveria um #EleSim, a FD1 revoluciona em seu discurso justamente negando este dito.

Já em SD3 não há um marcador de negação tão genérico como o *não*. Mesmo assim, também é possível pensar o *sem* como marcador. Estar *sem* vergonha é o mesmo que *não* ter vergonha, logo, seguindo o mesmo raciocínio das análises anteriores, entende-se que trazer essa negação para o discurso significa rejeitar os dizeres outros de FD2 que colocam a minoria de diversidade sexual (gay, bi, sapatão) como não dignas de direitos, humanidade. O discurso outro traz sempre um discurso religioso moralizante em que as demais sexualidades que não cis hétero são motivo de pecado e vergonha. Nesse sentido, a interpelação que esses ditos de ódio de FD2 fazem é injuriar e negar a existência das posições-sujeito inscritas na FD e representada enquanto os sujeitos LGBTQ+.

É por isso que se faz necessário também pensar o discurso de resistência como discurso revolucionário, conceito que Indursky (2013) apresenta com base em Fiorin, que afirma que este se constrói sobre um princípio de antítese e é atravessado pela exclusão do outro. O discurso revolucionário, portanto, está em relação dialógica com discursos contrários. Visto que nenhum discurso existe sem o outro e que no discurso autoritário haveria a exclusão do outro com pouca reversibilidade desse discurso, Indursky (2013) reafirma que “nessa interlocução teórica que o discurso “revolucionário” é atravessado pelo *efeito de exclusão de seu outro*.” (p. 266).

Observamos as seguintes sequências discursivas:

SD4: Berro contra os retrocessos.

SD5: Berro por direitos/visibilidade/liberdade.

Pensando a heterogeneidade desses discursos em SD4 e SD5, mesmo que não mostradas, automaticamente os relacionamos com os não-ditos de um discurso excludente e de ódio. A necessidade de clamar por direitos, visibilidade e liberdade está relacionada com os retrocessos que põem em decadência todos esses fatores por conta da discordância político-ideológica. Enquanto discursos fundamentados em saberes de uma FD, contrária à da minoria e que em seus ditos ferem a dignidade humana com seu excesso de liberdade de expressão, estão presentes na diversas representatividades e espaços sociais, faz-se necessário que o *berro* ressoe mais alto e amplo para que a voz abafada seja ouvida. O efeito de exclusão se dá pela insistência também da negação, porém, considerando que o apagamento não é completo e que esse discurso outro sempre existirá, sobra somente a resistência de não se deixar calar pelo outro.

Em contradizer, dizer

No que tange ao campo das relações de gênero e sexualidade, é possível identificar, pelo menos, dois grupos (ou dois ideais, ideologias): os que caminham favoravelmente ao lado das minorias, colaborando para que estes sujeitos conquistem seus direitos e reconhecimento e, na outra via, um grupo conservador, fundamentado em instituições sociais, como a Igreja e a Família, que negam esses direitos.

É nessa luta da minoria social pelo direito a ter uma identidade, o direito de poder se afirmar enquanto pessoa, que muitos conflitos sociais e discursivos aparecem. O sujeito tem o direito de dizer e ser ouvido, desse modo, ressoar sobre os outros e ser identificado enquanto sujeito de direitos. Como percurso, este trabalho se preocupou em apresentar tanto o histórico de lutas da comunidade LGBTQ+, quanto os motivos pelos quais os embates surgem - os discursos de ódio. O corpus de análise apresenta esse discurso revolucionário ao tempo em que revolucionar, além de resistir, é também angariar mudanças, sejam estas sociais ou de sentidos.

Vimos que a luta também é feita no/de discurso, quando palavras se transformam em atos e quando sentidos não ferem. Na porosidade das formações discursivas se tem a noção de heterogeneidade, demonstrando mais uma vez que em meio a sociedade, a homogeneidade é quase que inalcançável. Assim, a busca por igualdade, no sentido dos direitos humanos, não é nos transformar em uma massa uniforme, e sim haver respeito igual por todos sujeitos nos diversos âmbitos de convivência, sociedade e existência.

Com as análises, pode-se observar que o discurso-outro, indizível na formação discursiva da comunidade LGBTQ+ é escalado para o refutamento. Desse modo, não aprovar, não dizer, resignificar e negar faz parte da luta discursiva. O outro (antagônico), o outro (negado) - ou as duas possibilidades ao mesmo tempo, merece ser reiterado para que não interpele nenhum indivíduo em alguma posição-sujeito sem dignidade e direito.

Por fim, a posição-sujeito enquanto posição social traz à tona a importância da luta discursiva. O que é necessário quando pensamos que o discurso revolucionário pode e deve fazer parte desses sujeitos inscritos na formação discursiva de defesa das minorias, que luta por respeito, representatividade e direitos. Podendo somente esse discurso reivindicar os efeitos de sentido que o discurso de ódio fundamenta concomitantemente com a capacidade de ter mais peso e voz - o que os reitera enquanto maioria.

Assim, levando em conta que a interpelação dos indivíduos em sujeitos se dá ideologicamente e é fundamentada no princípio de chamamento, que inaugura uma posição-sujeito em uma formação discursiva, cabe também à luta discursiva resignificar essas posições-sujeitos inscritas no discurso de ódio. Resignificar e reconstruir sentido pode ir ao encontro da luta de classes por um local ou uma posição não desprivilegiada. Aos termos do discurso: que não existam posições-sujeito - relacionadas às minorias - injuriadas, feridas, discriminadas ou sem vozes. A tempo, segue-se construindo os conceitos aqui discutidos e discutindo as reflexões apontadas

Referências

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. Tradução: Vera Ribeiro. In: ADORNO, Theodor W et al. **Uma mapa da ideologia**. Título original: Mapping ideology, 1996.

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução: Roberto Raposo. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Título original: The human condition, 1989.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 19.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2020.

BUTLER, Judith P. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York, NY: Routledge, 1997.

CASEIRA, Ingrid G. **A (im)proficiência em língua estrangeira: do resumo à tradução, os movimentos da interpretação**. Dissertação (dissertação em Letras) - UFRGS. Porto Alegre. 2012.

CASSANA, Mônica F. **Corpos impossíveis: a (de)sordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual**. Tese (tese em Letras) – UFRGS. Porto Alegre. 2016.

CAZARIN, Ercília Ana. **Da polifonia de Ducrot à heterogeneidade discursiva na Análise do Discurso**. Formas e Linguagens, n. 2, ano 1, p. 15-38, abr./jun. 2002.

CAZARIN, Ercília. Ana.; SOUZA, Mariana J. de. A banalização do discurso de ódio na sociedade contemporânea. *In*: MITTMANN, Solange.; JUNG DE CAMPOS, Luciene. (Orgs). **Análise do discurso: da inquietude ao incômodo lugar**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

COELHO, Érika R. **Do luto ao absoluto: a trajetória da não-cor**. Monografia (monografia em Moda, cultura, cultura de modas e artes) – UFJF. Juiz de Fora. 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

GOLIN, Celio. **Parada livre: há 20 anos mobilizando a consciência coletiva**. 2016. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/paradalivrepoa/photos/a.1414888918788547/1788069051470530/?type=3&theater>>. Acesso em: 20. jul. 2020

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, Roberto L. (org.) **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. 2.ed. São Carlos: Pedro & João, 2011 [1971].

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

PÊCHEUX, Michel. As massas populares são um objeto inanimado? *In*: ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, Pontes, 2015. Título original: Les masses populaires sont-elles un objet animé?, 1977.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK; T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014 [1969].

PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK; T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014 [1975].

ROSSINI, Maria C. **O que foi a rebelião de Stonewall?**. 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-rebeliao-de-stonewall/>>. Acesso em: 20.jul.2020.

TREVISAN, João S. **Devassos no paraíso**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Artigo recebido em: 06/08/2020
Aprovação final: 20/04/2021
10.35501/dissol.vi13.866